



Disco Voadores na Amazônia
A Operação Prato

© 2016 – Jorge Bessa

Discos Voadores na Amazônia

A Operação Prato

Jorge Bessa

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques CEP 13480-970 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Sueli Araújo

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-368-6 — 2016

• Impresso no Brasil • Presita en Brazílo

Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda

e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Bessa, Jorge

Discos Voadores na Amazônia: Operação Prato / Jorge Bessa. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2016.

184 p. (Projeto UFO - Vol. 8)

ISBN 978-85-7618-368-6

1. Discos voadores – Visões e contatos 2. Contatos com extraterrestres 3. Ciência e espiritismo I. Título

16-0391

CDD – 001.942

Índices para catálogo sistemático:

1. Discos voadores – Visões e contatos

Jorge Bessa

Disco Voadores na Amazônia
A Operação Prato

1ª edição
2016



Coleção Realismo Fantástico:
(Projeto UFO)
Obras editadas pela Editora do Conhecimento:

- Contato Final - O Dia do Reencontro (2003)
Marco Antonio Petit
- O Mistério dos Círculos Ingleses (2003)
Wallace Albino
- UFOs, Espiritualidade e Reencarnação (2004)
Marco Antonio Petit
- O Brilho das Estrelas (2005)
Francisco Martins
- OVNIs na Serra da Beleza (2006)
Marco Antonio Petit
- Os Observadores (2006)
Raymond Fowler
- Marte: a verdade encoberta (2013)
Marco Antonio Petit
- Discos Voadores na Amazônia - Operação Prato (2016)
Jorge Bessa

Obs: A data após o título se refere à primeira edição.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1	11
Caso Roswell.....	12
Caso Kenneth Arnold.....	14
O Roswell brasileiro: OVNI na Amazônia.....	16
Operação Prato.....	18
O SNI e a operação Prato	20
Capitão Hollanda, o grande ícone	25
O final de um grande caso.....	28
O que pensar das aparições de OVNI no estado do Pará.....	29
Análise dos fatos.....	30
Tipos de contato	30
Região geográfica das ocorrências.....	32
Formato dos OVNI.....	33
Tecnologia avançada	35
Finalidade das visitas.....	35
Alienígenas: amigos ou inimigos?.....	36
Conclusão	37
Capítulo 2	39
A física que mudou o universo	39
Quantas dimensões têm o universo?.....	44
Teoria do multiverso.....	45
Ciência espírita	50
Capítulo 3.....	61

Vozes que vêm do espaço.....	61
Estamos sozinhos no universo?.....	65
Os muitos mundos habitados.....	73
Capítulo 4.....	82
Os extraterrestres estão entre nós.....	86
Dino Kraspedon e os jupiterianos	97
O intrigante caso dos OVNI's de Alexânia	103
Capítulo 5.....	119
A mensagem dos seres luminosos.....	119
A mensagem de Ashtar Sheran: mito ou realidade?	120
Ufologia e espiritualidade.....	123
A nave Apollo 11 e os OVNI's na Lua	130
A Lua como base de operações alienígenas	137
Extraterrestres e a transição planetária.....	141
Agroglifos ou círculos nas plantações.....	145
Mensagem de Chilbolton.....	151
Agroglifos de Crabwood.....	158
Fim dos tempos: os sinais de Jesus.....	164
Referências bibliográficas.....	178

Introdução

Dúvidas para alguns e certeza para outros, a existência de seres extraterrestres que visitam a Terra em suas naves espaciais é um tema sempre fascinante, principalmente pelas implicações que traz em relação à ciência e às religiões, no que se refere à confirmação de que não somos os únicos habitantes inteligentes do universo.

A visitação de OVNI's ao Brasil e a outras partes do mundo, hoje, parece um fato incontestável, tanto em razão das inúmeras evidências em mãos de governos como pelo testemunho de milhões de pessoas de todos os níveis e classes sociais. Também não se trata de evento novo, já que há milhares de anos preenche as páginas de livros sagrados de várias religiões, fazendo parte, igualmente, de lendas e mitos de diversos povos da Antiguidade.

Por muitos anos, alguns amigos me sugeriram escrever um livro sobre a minha participação em um dos eventos mais importantes da ufologia brasileira, denominado Operação Prato, ocorrido no estado do Pará, na década de 1970, envolvendo a aparição dos chamados Objetos Voadores Não Identificados (OVNI's), conhecidos como discos voadores¹.

A Operação Prato consistiu, basicamente, em investigações realizadas por autoridades da área de Inteligência do Governo Federal e da Aeronáutica para apurar as aparições de OVNI's

1 Atribui-se a expressão “disco voador” a Kenneth Arnold, piloto da Força Aérea americana, que, em 1947, defrontou-se com um desses objetos voando na costa oeste dos Estados Unidos. O disco se caracteriza por sua forma de dois pratos justapostos e pela propriedade de cruzar imensas áreas de vácuos, fora das zonas de atração gravitacional de outros corpos celestes. Neste livro usarei as expressões OVNI's e discos voadores com o mesmo sentido.

em uma vasta região do nordeste do estado do Pará, atingindo parte da Baixada Maranhense e do Amapá. O foco principal atingia uma área vizinha à capital do estado – Belém – e a região adjacente à ilha do Marajó.

Relutei muito anos em atender a essas sugestões, primeiramente porque, embora fosse oficial da Inteligência do extinto Serviço Nacional de Informações (SNI), minha participação nos eventos foi pequena; segundo, porque o assunto já vem sendo estudado pela comunidade ufológica brasileira com a competência e a seriedade de muitos pesquisadores isentos.

Sei que a comunidade ufológica acredita, a exemplo do que acontece no mundo, que o governo ainda tenha registros assombrosos que não quer divulgar à sociedade.² Sinto desapontá-los, mas até onde sei, baseado no acesso que tinha quando era oficial da Inteligência, esses pesquisadores talvez possuam até mais registros e acompanhem o fenômeno com mais acurácia do que os órgãos do Estado, para quem essa questão não é prioritária nem de segurança nacional.

Ao longo dos últimos dez anos, a par de estudar, passei a escrever livros sobre o que hoje é conhecido como Teoria dos Astronautas Antigos ou Paleocontato, os grandes mistérios do passado que fizeram com que nossa civilização, que vinha em lento processo de desenvolvimento, de repente desse um salto evolutivo, o que, para muitos pesquisadores sérios, foi o resultado de contatos com alienígenas que visitaram nosso planeta.

Quanto mais estudava os registros antigos contidos em diversas obras que tratam da história de nossa civilização, as informações encerradas nos livros sagrados de várias religiões, como também as narrativas ancestrais de diversos povos e tidas como mitos ou lendas, mais me convencia de que a factibilidade desses contatos era muito evidente, contrariamente ao que pensam os eternos “cientificistas” de mente fechada que tudo negam sem ao menos estudar o fenômeno.

Diferentemente da grande parte dos pesquisadores acadêmicos, que limitam suas pesquisas e sua visão de mundo ao paradigma materialista em vigor, sem deixar de lado a evolução da ciência consulto com avidez a vasta literatura espírita e

2 O Governo Federal liberou grande parte dos arquivos referentes a fenômenos ufológicos, obedecendo ao critério de vencimento do prazo de sigilo de cada um.

espiritualista disponível. Nelas tenho encontrado verdadeiras pérolas que me ajudam a formar o colar que junta todas as peças de nossa história, por mais que ainda seja tachado de não científico pela grande maioria de nossos pesquisadores.

Assim, nasceu este livro, que relata um pouco de meu envolvimento direto com o fenômeno OVNI, os achados de outros pesquisadores da ufologia brasileira, um pouco de história e de estória; um pouco de ciência e de religião, um pouco de ciência espiritualista e, como não poderia deixar de ser, um pouco de bom senso para não acreditar em tudo, como também tudo negar.

No primeiro capítulo, abordo a minha participação na Operação Prato, relatando o que efetivamente vi e constatei em relação aos estranhos e aparentemente perigosos eventos que assustaram as populações ribeirinhas de alguns municípios no nordeste do estado do Pará.

Nos capítulos 2 e 3, são expostas as modernas teorias científicas referentes à existência não de um, mas de vários universos, o multiverso, bem como sobre universos paralelos, comparando-os com as ricas informações oriundas da ciência espírita, que nos fala de um universo habitado por diferentes níveis de inteligências físicas e extrafísicas.

No quarto capítulo, apresento um conjunto de evidências da existência de extraterrestres (ETs), a partir de testemunhos de pesquisadores insuspeitos e de farto material. Um ponto que considero importante diz respeito à tecnologia empregada nas naves alienígenas que lhes permite atravessar o espaço sideral sem violar as teorias da física em vigor na Terra.

No último capítulo, analiso algumas mensagens atribuídas aos extraterrestres, em que manifestam sua opinião em relação ao nosso nível de evolução, apresentando ideias que nos fariam alcançar um patamar superior em pouco tempo, desde que nossos governantes abdicassem de sua ânsia de poder e dominação e passassem a ser fraternos e cooperativos como Jesus nos ensinou.

Sei dos riscos de misturar religião, Bíblia e extraterrestres, mas já que todos trazem a mesma mensagem de igualdade, fraternidade e evolução espiritual, considerarei importante fazer uma análise sob esse enfoque. Aliás, o Velho e o Novo Testamento estão repletos de episódios que fazem supor a presença de alienígenas: os céus estão cheios de anjos e arcanjos que, vez

por outra, descem à Terra e, mesmo Jesus, por suas próprias palavras, seria oriundo de outro lócus sideral.

Se a mistura dos ingredientes sair ao gosto dos leitores, será motivo de grande alegria. Caso contrário, peço que me desculpem.

Capítulo 1

A ciência é um pouco orgulhosa. Ela tem um complexo tão grande porque ela não sabe criar a vida. Nem sabe nem saberá nunca. (Ariano Suassuna)

Uma das primeiras obras que me levaram a refletir sobre a possibilidade de que seres alienígenas tivessem visitado a Terra em épocas remotas e deixado suas marcas impressas em grandes monumentos do passado foi o *best-seller Eram os deuses astronautas?*, do escritor suíço Erich von Däniken, que vendeu milhões de exemplares pelo mundo inteiro, graças à forma intrigante com a qual o autor apresentou suas ideias.

A teoria desse escritor é simples: ele defende a existência de outros seres inteligentes no universo e afirma que os extraterrestres trouxeram conhecimentos e tecnologias avançadas à Terra. Von Däniken objetiva comprovar que as grandes pirâmides do Egito, as pirâmides maias, as Linhas de Nazca etc. são obras desses viajantes do espaço, que teriam, inclusive, se misturado aos humanos de nosso planeta, dando início a uma nova espécie. Em razão de sua superioridade intelectual em relação aos terrícolas, esses alienígenas foram por eles considerados verdadeiros deuses, o que pode ser encontrado na história de várias civilizações, principalmente a suméria e a babilônica.

Apesar de bem documentada e apresentar fortes evidências colhidas em diversas partes do mundo, a tese de Von Däniken – que não era um acadêmico conhecido nem desenvolveu seu trabalho à sombra de uma academia – sofreu críticas por parte dos doutos e vetustos senhores que dominam o conhecimento e as mentes do alto de seu trono de vaidade e orgulho.

Aliás, acreditar na presença de alienígenas em nosso planeta em um passado distante não é heresia, desde que a tese seja apresentada por gente de destaque, como o pesquisador e astrônomo Carl Sagan, que, juntamente com seu colega soviético Iosif Shklovskii, defendeu essa ideia no livro *Intelligent life in the universe*. A dupla cita a possibilidade de que um desses visitantes extraterrestres tenha sido considerado um deus – o deus Oannes da literatura suméria –, o qual ensinou artes e ciência àquele povo ainda inculto.

Já que gente séria considera essa ideia plausível, não tinha porque eu bancar o mais inteligente e cético e fechar os olhos para essa possibilidade, que insiste em dar demonstrações de que continua bem viva. Os casos em todo o mundo se acumulam aos milhares, sendo o mais emblemático o Caso Roswell.

O certo é que, a partir de 8 de julho de 1947, seguindo o fim da Segunda Guerra Mundial, as aparições de OVNI's passaram a ser presença constante em manchetes de jornais e revistas, que os mostrava ora em formação, ora isoladamente, pelos céus do planeta, inclusive em nossa Região Amazônica.

Caso Roswell

Um dos eventos mais conhecidos da ufologia internacional é o Caso Roswell, que diz respeito a uma série de acontecimentos fantásticos que cercaram a possível queda e recuperação, por parte das autoridades norte-americanas, de um OVNI, na localidade de Roswell, no Novo México, Estados Unidos, em julho de 1947.

Tudo começou em 8 de julho de 1947, quando um jornal local, o *Roswell Daily Record*, publicou que membros do 509º Grupo de Bombardeiros da então Força Aérea do Exército dos EUA haviam recolhido os destroços de um disco voador que caíra em uma fazenda daquela região. Mal a população se recuperava do espanto causado por uma notícia desse tipo, o jornal a desmentiu no dia seguinte, deixando frustração e muitas dúvidas sobre o que de fato ocorrera.

A despeito do testemunho do fazendeiro William “Mac” Brazel, que fora o primeiro a encontrar os destroços e que concedera a entrevista ao *Roswell Daily Record*, as autoridades se

apressaram a desmentir a notícia, garantindo que se tratava de restos de um balão meteorológico.

Apesar do desmentido oficial, o ânimo dos pesquisadores não arrefeceu, particularmente porque os episódios de Roswell podiam ter conexão com fatos narrados pelo piloto Kenneth Arnold, que declarara ter avistado OVNI's um mês antes, quando sobrevoava o estado de Oregon (EUA).

Embora permanecesse a negativa por parte do governo norte-americano, um personagem que afirmava ter conhecimentos profundos sobre o caso confirmou publicamente a ocorrência de Roswell: Philip J. Corso, um coronel do Exército norte-americano, falecido em 1998, e que tinha sido membro do Conselho de Segurança Nacional no governo do presidente Eisenhower e ex-chefe da Secretaria de Tecnologia Estrangeira do Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento do Exército dos EUA, veio a público contar toda essa explosiva missão.

Corso publicou, em colaboração com William Birnes, em 1997, o livro *The day after Roswell*, no qual ele relata seu envolvimento direto nas pesquisas realizadas sobre a tecnologia da nave extraterrestre recuperada em 1947. Apoiado em documentos, Corso revelou, pela primeira vez, seu trabalho pessoal em relação aos artefatos alienígenas recolhidos no acidente e como eles mudaram o curso da história do século XX, além de citar o envolvimento direto do governo norte-americano no acobertamento daquele episódio.

Com riqueza de detalhes, Corso explicou como liderou o projeto de engenharia reversa do Exército que semeou tecnologia alienígena em empresas norte-americanas como IBM, Hughes Aircraft, Bell Labs e Dow Corning, sem que elas conhecessem sua origem. Ele descreve os dispositivos encontrados a bordo da nave de Roswell e como eles se tornaram os precursores para chips e circuitos integrados, fibras óticas e outras tecnologias.

O alto nível alcançado por Corso no governo norte-americano, aliado ao relato pessoal de sua experiência como chefe do projeto, parece não deixar dúvidas sobre a veracidade do Caso Roswell.

Caso Kenneth Arnold

Em 24 de junho de 1947, o empresário Kenneth Arnold pilotava seu pequeno avião acima das montanhas Cascade, perto de Washington, quando avistou o que seriam OVNI's – nove ou dez objetos cintilantes voando em formação, que, de repente, desapareceram a uma velocidade muito grande por detrás das montanhas. De acordo com a descrição que fez dos objetos, cujos movimentos se pareciam com os de discos deslizando sobre um lago, logo a imprensa cunhou o nome *flying saucer* (literalmente, “pires voador”) para eles.

À mesma época e nos anos seguintes, milhares de outros avistamentos foram registrados em diversos locais, incluindo relatos de pilotos civis e militares, além de controladores de tráfego aéreo, em todos os Estados Unidos.

Como sempre, diversas explicações foram dadas para os inusitados avistamentos, desde as mais bizarras, como um grupo de pássaros voando, até as que afirmavam se tratar de uma esquadrilha de jatos militares voando a uma velocidade subsônica e que, por estarem próximos, davam a impressão de fantástica velocidade. Outras versões garantiam que era ilusão de ótica, balões, aeronaves convencionais, planetas, meteoros, reflexos solares, ou, ainda, grandes pedras de granizo.

Em reforço às declarações de Kenneth, milhares de afirmações sobre aparições de OVNI's levaram as autoridades da Aeronáutica a analisar esses depoimentos, concluindo que o resultado desses estudos mostrava que o fenômeno era real e que o governo deveria continuar as investigações, avaliando suas implicações para a segurança nacional, mesmo não admitindo uma origem extraterrena para os artefatos avistados.

Assim, em 1948, preocupado com as possíveis ameaças à segurança nacional, o general da Força Aérea Nathan Twining, chefe do Comando Aéreo de Assistência Técnica, estabeleceu o Projeto SIGN (inicialmente denominado Projeto Pires, talvez uma referência aos OVNI's avistados por Kenneth) para coletar, cotejar, avaliar e distribuir, dentro do governo, todas as informações relativas às aparições de OVNI's.

Posteriormente, a Central Intelligence Agency (CIA), o principal órgão de Inteligência dos EUA, passou a estudar o

assunto, em razão do grande número de avistamentos e pelo temor de que, longe de ser um artefato alienígena, ele pudesse ser produto do desenvolvimento armamentista da então União Soviética, representando uma ameaça à segurança norte-americana. Como sempre acontece nesses casos, esse interesse foi ocultado do público, alegadamente para não causar ondas alarmistas entre a população, o que serviu para o surgimento de numerosas teorias de conspiração envolvendo aquela Agência de Inteligência.

Esses acontecimentos deram início à atual fase de buscas e pesquisas da ufologia moderna. Mais importante: suscitou o debate sobre a existência de OVNI's e de extraterrestres, sua origem, grau de inteligência, suas verdadeiras intenções em relação ao nosso planeta e seus habitantes, além de outras considerações.

Em relação a essa questão, dois grupos principais se contrapõem: o dos céticos, que se recusam a acreditar em qualquer coisa que possa macular o dogma de que somos os reis do universo, e o dos pesquisadores sinceros, os quais, tendo ego menor e talvez inteligência maior do que os céticos, não veem problema na existência de seres mais avançados nas mais diversas latitudes do universo.

Apesar de muitas pessoas de proeminência no campo da ciência e autoridades governamentais negarem esses eventos, bem como ridicularizarem ou tentarem desqualificar quem estuda ou declara ter presenciado esse tipo de aparições, o fenômeno OVNI continua presente e manifestando-se em diferentes partes do planeta.

No Brasil, o fenômeno OVNI não deixou de chamar a atenção das autoridades da Aeronáutica, que, nos anos de 1960, criaram um organismo para acompanhar o assunto. Tratava-se do Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI), criado em abril de 1969 e que teve curta duração. O SIOANI registrava todos os casos relacionados às aparições de OVNI's e o testemunho de quem os avistasse, tendo registrado considerável número de aparições.

No entanto, as autoridades da época acharam que essa atividade não era prioritária para a Aeronáutica, desativando o SIOANI três anos depois de sua criação, limitando-se, a partir

de então, a registrar as ocorrências de avistamentos ou interferências de qualquer ordem por parte dos OVNI's. Os arquivos do SIOANI, como outros sobre o tema, encontram-se disponíveis no Arquivo Nacional, em Brasília.

Se, no passado, episódios envolvendo a aparição de OVNI's levaram as autoridades da Aeronáutica a investigar esse tipo de fenômeno, por que, nesse rumoroso caso das aparições no estado do Pará, a organização de Inteligência do governo, encarregada de detectar e investigar possíveis ameaças à segurança nacional, deveria se manter ausente?

Essa foi a razão de meu envolvimento no episódio conhecido como “Operação Prato”, nome cunhado pelo comandante do Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR), que filmou e fotografou as aparições de OVNI's no interior do estado paraense, considerado um dos mais importantes do país e no qual fui coadjuvante.

O Roswell brasileiro: OVNI's na Amazônia

Na segunda metade dos anos de 1970, encontrava-me em atividade como oficial de Inteligência, lotado na Agência do Serviço Nacional de Informações (SNI) em Belém, a organização de Inteligência do governo brasileiro à época e que posteriormente foi absorvida pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, transformando-se, finalmente, na Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).

Àquela época, informes inusitados começaram a chegar até nós e, posteriormente, inundaram a redação dos jornais locais, dando conta de estranhos acontecimentos envolvendo a aparição de OVNI's em alguns municípios do interior paraense, deixando as pessoas apavoradas em razão de um hipotético ataque com o uso de uma luz, que, supostamente, sugava o sangue das pessoas. O “chupa-chupa”, como ficou conhecido entre as pessoas simples, passou a ser sinônimo de OVNI, bem como de extraterrestre, e se transformou em um pavor coletivo entre camponeses e pescadores, transtornando completamente a vida das populações afetadas.

As aparições de OVNI's no Brasil foram registradas em regiões limítrofes a Belém, principalmente na baía do Sol (ilha do

Mosqueiro), nos municípios de Colares, Vigia e Santo Antônio do Tauá, no arquipélago do Marajó e em outras regiões do nordeste do Pará.

As descrições das pessoas se referiam a objetos luminosos aéreos que surgiam de repente, sem se saber de onde, e atacavam as pessoas com fortíssimos feixes de luz azulada, que muitos afirmavam sugar o sangue, deixando-as em estado de choque e com estranhas marcas de cor avermelhada no peito – daí a denominação chupa-chupa. A maioria das pessoas atingidas eram mulheres, cujas marcas dos furos – semelhantes à picada de agulhas hipodérmicas – apareciam à altura do seio esquerdo; nos homens, as marcas revelavam-se também nos braços e nas pernas.

Inicialmente, os relatos foram tratados com deboche e total descrédito por parte da imprensa e de muitas autoridades estaduais, como sendo produto da mente sugestionável de interioranos simples e ignorantes. Com o passar do tempo e a continuidade dos acontecimentos, vários prefeitos e outras autoridades das comunidades envolvidas passaram a pedir socorro ao governador, aos secretários de saúde e de segurança pública, o que exigiu maior seriedade no trato com o assunto por parte das autoridades do estado.

Na qualidade de oficial de Inteligência, tinha por obrigação acompanhar todos os eventos importantes na área de jurisdição da Agência do SNI de Belém, reportando-me à Agência Central do SNI em Brasília. Por essa razão, achei que deveria investigar de perto o fenômeno, de forma a obter uma avaliação própria sobre sua veracidade.

Tinha informações de que a Aeronáutica já se encontrava investigando o assunto, tendo instalado uma base de observações na baía do Sol, um aprazível balneário de água doce que no passado fora frequentado pela classe alta do estado. Este era o local onde se dizia que surgiam as aparições de OVNI e que, segundo meu entendimento, funcionava como uma base de operações para eles.

Entre nossos oficiais, o mais antigo chamava-se Mauri Eudo Barros Pereira, que era amigo do então capitão Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima – o capitão Hollanda, oficial do I COMAR –, que, à época, comandava as ope-

rações da Aeronáutica sobre o caso. Hollanda acabou se tornando um dos grandes ícones nos meios ufológicos brasileiros, não somente por ter sido o primeiro oficial das Forças Armadas brasileiras a falar abertamente sobre sua experiência naqueles eventos como também por ter fornecido bastante material de sua coleção pessoal aos pesquisadores.

Mauri, que era civil e ex-cadete da Aeronáutica, e Hollanda haviam estudado juntos na Academia da Força Aérea em Pirassununga, o que facilitou o contato e a obtenção de autorização para que frequentássemos a improvisada base de operações da Aeronáutica na ilha do Mosqueiro. Isso feito, para lá nos dirigimos: eu, Mauri e dois capitães da Polícia Militar do Estado do Pará que tinham sido requisitados pelo SNI. Saímos ao término do expediente, em um final de tarde de outubro de 1977, lá chegando por volta das vinte horas, horário em que costumavam ocorrer as aparições, segundo informações do pessoal da Aeronáutica, que já tinha experiência no assunto.

Mal sabia eu que naquela pequena ilha banhada pelo rio Amazonas iria se dar meu primeiro mergulho nesse misterioso e incompreendido mundo dos fenômenos ufológicos, evento que me daria certeza de sua real existência. Em razão do que presenciei, o desafio seria procurar, junto à ciência ou onde quer que fosse, uma explicação para aquelas aparições, mas que atendesse aos apelos da razão.

Operação Prato

A partir de outubro de 1977, aparições de um estranho objeto luminoso, que se deslocava ora em baixa velocidade, ora em alta velocidade, passaram a ocorrer em Colares, município com cerca de dez mil habitantes, que dista oitenta quilômetros de Belém. O objeto, que algumas testemunhas descreviam como de forma cilíndrica ou circular – devido à sua grande luminosidade, era difícil definir sua forma –, costumava surgir de repente, depois das 19 horas, voando a poucos metros do solo. Objeto semelhante passou a ser visto também nos municípios de Vigia e Santo Antônio do Tauá e na baía do Sol.

A situação começou a ficar preocupante e o prefeito de Colares resolveu solicitar ajuda às autoridades do estado, alegan-

do que as ditas aparições perturbavam a vida dos humildes pescadores do município, sobrevoando as embarcações e chegando mesmo a mergulhar nas águas ao lado delas, o que estava causando um sentimento de pânico generalizado e impedindo que muitos continuassem a exercer suas atividades.

A população desses municípios já não conseguia dormir em paz, com medo de ataque, reunindo-se sempre em uma das casas. Outros, divididos entre o medo e a curiosidade, agrupavam-se ao redor de fogueiras ou andavam pela cidade em grupos de vinte a trinta pessoas, tentando afugentar as tais aparições, soltando fogos de artifício e prometendo reagir, mesmo a bala, caso fossem atacados. O fator religioso também foi invocado e procissões foram realizadas para afastar o perigo desconhecido.

A imprensa local passou a dar destaque às aparições, publicando declarações de testemunhas. Jornais do Pará e do Maranhão traziam insistentes relatos sobre luzes misteriosas que provocavam estranhos sintomas que incluíam alucinações, paralisias temporárias generalizadas, tontura, febre, dores de cabeça e, particularmente, pequenos orifícios no corpo, principalmente na altura do peito.

Por se tratar de assunto que dizia respeito à segurança do espaço aéreo brasileiro, o então comandante do I COMAR, brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira, determinou que o caso fosse devidamente apurado pelo pessoal de sua unidade, destacando para chefiar a missão o então capitão Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima, o capitão Hollanda.

Hollanda, que sempre manifestou descrença em aparições de OVNI e que tinha em mente desmentir qualquer ocorrência desse tipo, deslocou-se para a região de Colares com um pequeno grupo de sargentos e praças, lá instalando uma base de observações, a partir da qual saíam para as áreas adjacentes onde o fenômeno era visto.

Anos depois, o capitão Hollanda relatou os detalhes de seu trabalho em histórica entrevista à revista *UFO*, uma das mais prestigiadas no Brasil em temas ufológicos. O título – Operação Prato – foi cunhado pelo próprio Hollanda por razões óbvias, já que uma das primeiras descrições de OVNI nos Estados Unidos se referia a “pratos justapostos que voavam”.

Nessa ocasião, eu e três colegas do SNI fomos destacados

para acompanhar essas investigações, juntando-nos ao grupo do capitão Hollanda.

O SNI e a operação Prato

A primeira surpresa que tivemos foi que, ao entrarmos em uma estrada de terra que levava à base da baía do Sol, vimos como que saindo da escuridão da mata um objeto de cor alaranjada, que nos dava a impressão de ser uma bola de fogo queimando na copa das árvores. Embora receosos, paramos o carro e descemos para averiguar de que se tratava.

Entretanto, o motorista, apavorado, recusava-se a permanecer no local, dizendo que ia seguir adiante e nos abandonar ali. No entanto, ao tentar ligar o carro, o motor não pegou, o que serviu para aumentar o seu desespero. Aos gritos, ele pedia que empurrássemos o carro para que pudesse sair do local. De repente, o objeto desapareceu e o motor do carro voltou a pegar, permitindo que seguissemos viagem, preocupados com a possibilidade de perdermos as aparições nas mediações da base, que se davam em torno das vinte horas.

Inicialmente, pensamos que a tal aparição fosse um fenômeno qualquer e que nós, pela alta excitação do primeiro dia da missão, estivéssemos vendo coisas. Tempos depois, no entanto, dois repórteres do extinto jornal *O Estado do Pará*, considerados sérios e confiáveis, disseram que algo parecido com uma nave sobrevoou o carro de reportagem em que se encontravam na mesma estrada em que vimos o artefato desconhecido. Eles teriam fotografado o tal OVNI, a que chamaram de nave-mãe ou algo semelhante.

Ao chegar à base da baía do Sol, na ilha do Mosqueiro, por volta das vinte horas, fomos recebidos pela equipe da Aeronáutica, tendo à frente o sargento Flávio Costa, que era o principal auxiliar do capitão Hollanda. Logo fomos informados de que os fenômenos estavam prestes a começar, pois eles eram precedidos de um tipo de sinal no céu, semelhante ao foco de um farol que executasse um movimento circular de 360 graus. Preferimos não comentar o que nos havia acontecido na estrada, para não sermos considerados sugestionáveis.

De repente, no meio da escuridão que cercava o local, sur-